

INTRODUÇÃO

MENDONÇA FILHO

Catedrático de Desenho Artístico e
Diretor da Escola de Belas Artes

Por mais modestos que pretendamos ser, não nos é possível dizer que a nossa vida começou com o reconhecimento dos cursos ou com a federalização. Começamos no dia 17 de dezembro de 1877, quando foi fundada esta Escola, como estabelecimento particular para o ensino das Belas Artes.

Colocando essa data acima de tôdas as outras, sentimos que é nosso dever fazê-lo, porque tendo sido esta Escola o segundo estabelecimento de ensino superior, fundado na Bahia, foi a segunda Escola de Belas Artes fundada no Brasil. Isso, sem os recursos financeiros proporcionados às primeiras e as que nos sucederam. Apesar dessa contingência conseguimos ter vida própria e não somente ter vida como, sobretudo, ter tido sempre, mesmo nas dezenas e dezenas de anos em que vivemos sem o mais mínimo auxílio dos cofres públicos, vida construtiva, sem solução de continuidade, sem um só dia de abatimento, sem um só momento de desânimo, mantendo sempre abertas as portas desta casa a todos aqueles que pretenderam algo de nós.

Pode-se alterar a verdade no presente; pode-se fazer conjecturas ou previsões lisongeiças; mas não se pode negar o fato consumado, registrado e já vivido. E êsse passado assinala no nome e obra de todos os artistas que a Bahia possui, a nossa atuação, os nossos ensinamentos e a nossa ação, sempre progressiva e progressista, cujo merecimento é tanto maior quanto menor os auxílios financeiros de que dispúnhamos.

Como consequência do esforço coletivo dos mestres fundadores e dos que lhes sucederam, foi obtido do Govêrno do Estado, como primeiro passo, o reconhecimento de utilidade pública e a validade dos diplomas neste Estado. Após, veio o reconhecimento federal dos

curso e depois; por sequência natural — a integração na Universidade da Bahia e a Federalização. Nós, os de hoje, bem sabemos quanto devemos e o que devemos aos que nos ajudaram a levar a cruz ao Calvário.

Esses, não necessitam de menções, têm, no próprio trabalho, a recompensa do esforço feito; entretanto, não podemos calar o nosso reconhecimento. E, nesta Introdução ao primeiro número da nossa Revista, nos Arquivos da Universidade da Bahia, fazemos ponto de honra em que fique para sempre explícita, com especial destaque e carinho, nossa dívida de reconhecimento a Edgard Santos, Cesário de Andrade e Pedro Calmon, os paladinos que nos ampararam e com o auxílio dos quais conseguimos vencer todos os óbices galgando a íngreme montanha até chegar ao píncaro.

— Pedro Calmon, (o poeta) — O homem ao qual a Natureza concedeu a faculdade de perscrutar as estrélas e para quem o infinito está compreendido dentro das possibilidades de um sonho.

— Cesário de Andrade, a capacidade de trabalho, o conhecimento das Leis de Ensino e a Justiça, aliadas em bem servir aos Institutos de ensino da Bahia. Edgard Santos — O Realizador de sonhos. O mago, gerador de harmonias, cujo título de Magnífico é superado pela Magnificência da pessoa. O Homem é maior que o título.

Nas nossas Memórias Históricas, em preparo, confiadas aos cuidados de Octávio Tôrres, prestamos as reverências do nosso reconhecimento a todos aqueles que caminharam conosco na marcha ascensional dos nossos 77 anos.

Integrados na Universidade da Bahia, não podia, nossa Escola, continuar ostentando a bandeira poída pelo tempo e remendada pela nossa perseverança. Mistér se fazia um novo estandarte cujo símbolo seria o mesmo, mas cujas côres vivas e brilhantes dissessem nossa prosperidade presente.

As dotações orçamentárias, concedidas por Lei, e os auxílios concedidos pelo espírito esclarecido de Edgard Santos permitiram que uma remodelação total fôsse feita, ampliando as instalações, criando uma biblioteca especializada que no momento, é, sem favor, um farto manancial para o estudo das Artes plásticas. Todo o mobiliário foi renovado, novos gabinetes criados e providos de aparelhagem condi-

zente com a nossa situação, enfim, permitindo a velha e sempre nova Escola cumprir melhor, e em maior amplitude, sua finalidade.

Pesar das intempestivas manifestações de separatismo, menos censurável pela ingratidão do que pela pobreza de raciocínio — a primeira, parte integrante do ser humano, a segunda, triste privilégio da vaidade, — pesar disso, uma cousa não foi, nem será modificada: é a permanência, no presente, do mesmo espírito construtivo que animou os mestres no passado. Espírito que já foi transfundido nos mestres de hoje e que já o sentimos na nova geração, apenas diplomada e já integrada na nossa Escola, que é a Escola de todos que se interessam, realmente, pelas Artes Plásticas.

E é isso que, nesta simples introdução a esta Revista tem a dizer o mais humilde dos seus professores, na escala dos valores; mas que não cede a ninguém a primazia no amor a esta Instituição.

Mendonça Filho